



Imagens que Libertam, Gaiolas que Acusam: o Filme Rio e a Arte como Resistência ao Tráfico de Animais - Images that Liberate, Cages that Accuse: The Film Rio and Art as Resistance to Animal Trafficking

Authors: Ana Clara Solon Rufino, Walquíria Marcelina de Almeida, Rosângela Araújo Darwich

Submitted: 8. April 2026

Published: 20. April 2026

Volume: 13

Issue: 2

Affiliation: University of Amazon, Belém, Brazil

Languages: Portuguese

Keywords: Art-denunciation; Wildlife trafficking; Social and environmental awareness; Environmental education; Movie.

Categories: Humanities, Social Sciences and Law

DOI: 10.17160/josha.13.2.1138

Abstract:

This article examines the film Rio (2011), directed by Carlos Saldanha, as an expression of art with an activist and ecological character, focusing on the problem of trafficking in blue macaws, a Brazilian species threatened with extinction. The research aims to understand the work as art that denounces injustice, analyzing how its images and narrative resources highlight the violence associated with the illegal trade in wild animals and point to the educational potential of cinema in raising socio-environmental awareness. With a qualitative, exploratory, and interpretive approach, the study is based on film analysis and critical reading of images. The results indicate that Rio, by articulating vibrant aesthetics, humor, and emotion, symbolically represents the fragility of wildlife, mobilizes affection in diverse audiences, and contributes to

JOSHA

josha.org

**Journal of Science,
Humanities and Arts**

JOSHA is a service that helps scholars, researchers, and students discover, use, and build upon a wide range of content



Imagens que Libertam, Gaiolas que Acusam: o Filme Rio e a Arte como Resistência ao Tráfico de Animais - Images that Liberate, Cages that Accuse: The Film Rio and Art as Resistance to Animal Trafficking

Ana Clara Solon Rufino, Walquíria Marcelina de Almeida, Rosângela Araújo Darwich

clara.solon@hotmail.com

University of Amazonia, Belém, Brazil

Abstract

This article examines the film *Rio* (2011), directed by Carlos Saldanha, as an expression of art with an activist and ecological character, focusing on the problem of trafficking in blue macaws, a Brazilian species threatened with extinction. The research aims to understand the work as art that denounces injustice, analyzing how its images and narrative resources highlight the violence associated with the illegal trade in wild animals and point to the educational potential of cinema in raising socio-environmental awareness. With a qualitative, exploratory, and interpretive approach, the study is based on film analysis and critical reading of images. The results indicate that *Rio*, by articulating vibrant aesthetics, humor, and emotion, symbolically represents the fragility of wildlife, mobilizes affection in diverse audiences, and contributes to environmental education practices in line with the PCN (1997) and BNCC (2017). It is concluded that, despite not delving into the



structural causes of animal trafficking, the film reaffirms cinema as a powerful device for denunciation, awareness, and social transformation.

Keywords: Art-denunciation; Wildlife trafficking; Social and environmental awareness; Environmental education; Movie.

Resumo

O presente artigo examina o filme Rio (2011), dirigido por Carlos Saldanha, como uma manifestação de arte com caráter ativista e ecológico, com foco na problemática do tráfico de ararinhas-azuis, espécie brasileira ameaçada de extinção. A pesquisa propõe compreender a obra enquanto arte-denúncia, analisando de que modo suas imagens e recursos narrativos evidenciam a violência associada ao comércio ilegal de animais silvestres e apontam para o potencial pedagógico do cinema na sensibilização socioambiental. Com abordagem qualitativa, de natureza exploratória e interpretativa, o estudo fundamenta-se na análise fílmica e na leitura crítica das imagens. Os resultados indicam que Rio, ao articular estética vibrante, humor e emoção, representa simbolicamente a fragilidade da fauna, mobiliza afetos em públicos diversos e contribui para práticas de educação ambiental em consonância com os PCN (1997) e a BNCC (2017). Conclui-se que, apesar de não aprofundar as causas estruturais do tráfico de animais, o filme reafirma o cinema como um potente dispositivo de denúncia, conscientização e transformação social.

Palavras-chave: Arte-denúncia; Tráfico de animais; Sensibilização socioambiental; Educação ambiental; Filme.



Introdução

A arte, em suas múltiplas manifestações, constitui um recurso privilegiado de denúncia socioambiental, capaz de sensibilizar públicos diversos e problematizar práticas que ameaçam a vida e a biodiversidade. Entre essas práticas, o tráfico de animais silvestres configura-se como uma das maiores ameaças à fauna brasileira, provocando perda irreparável de espécies e desequilíbrios nos ecossistemas. Nesse contexto, a Arte atua como meio de conscientização crítica e de resistência simbólica, transformando estética em instrumento de reflexão e mobilização social.

É nesse horizonte que se insere o filme *Rio* (2011), dirigido por Carlos Saldanha, objeto de análise deste estudo. A animação, ao narrar a história de Blu e Jade, últimas ararinhas-azuis conhecidas, aborda o tráfico de animais sob uma linguagem lúdica e acessível, sem deixar de expor as tensões entre a beleza da fauna brasileira e a violência do comércio ilegal. Além de obra de entretenimento, *Rio* (2011) pode ser visto enquanto um recurso artístico e pedagógico, promovendo discussão sobre conservação, ética ambiental e cidadania.

A relevância de analisar o filme *Rio*, a partir dessa perspectiva, reside na capacidade do cinema de articular emoção, narrativa e imagem para despertar consciência crítica. Sua estética vibrante, aliada às estratégias narrativas, coloca em evidência as contradições entre cultura e exploração ambiental, permitindo que a obra dialogue com os campos da arte, da educação e da ecologia. Nesse sentido, o estudo pretende contribuir para o entendimento do papel da produção cultural na formação de uma consciência socioambiental e no fortalecimento de práticas educativas voltadas à sustentabilidade.

Os objetivos do artigo são: analisar *Rio* (2011) como manifestação da arte ativista e ecológica; discutir como suas imagens animadas e estratégias narrativas operam como denúncia simbólica do tráfico de animais silvestres e, refletir sobre o potencial educativo e transformador do cinema na sensibilização para as questões socioambientais.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, fundamentada na análise fílmica e na leitura crítica das imagens. Essa perspectiva permite compreender de que maneira o filme *Rio* mobiliza a estética e a narrativa para denunciar práticas predatórias e, ao mesmo tempo, oferecer caminhos de reflexão e sensibilização ambiental.

1. Arte como denúncia: fundamentos teóricos

1.1 Conceito de arte-denúncia

A arte, em suas diversas formas, tem sido uma importante ferramenta de denúncia, especialmente no que diz respeito às questões socioambientais. Em estudos que abordam a arte ecológica e ativismo artístico, essa linguagem se destaca como instrumento de sensibilização e conscientização sobre o tráfico de animais e a degradação ambiental. O filme *Rio* (2011), de Carlos Saldanha, exemplifica essa função ao abordar o tráfico de ararinhas-azuis, espécie brasileira em risco de extinção, e ao contrastar a beleza da fauna nacional com a violência do comércio ilegal (ver Figura 1).

Figura 1 – Gaiolas com aves apreendidas: destaque do cativeiro e da violência do tráfico



Fonte: *Rio*. Direção: Carlos Saldanha. EUA: 20th Century Fox, 2011

Vargas (2024) observa que a arte ativista busca provocar reflexão crítica e sensibilizar a sociedade para questões urgentes, como as ambientais. Essa prática visa questionar estruturas sociais e políticas que sustentam a exploração ambiental e dos seres vivos, transformando a estética em plataforma de transformação social. O objetivo é dar atenção “às subjetividades desencadeadas pela arte ecológica para a consciência e ação sobre as questões socioambientais” (Vargas, 2024, p. 1).

A arte ecológica, conforme discutido por Vargas (2024), também articula práticas políticas e sociais, ao questionar normas e valores dominantes. Para Guattari (1990), a arte deve estar inserida em uma visão holística, que articule as esferas mental, social e ambiental. Ele afirma que o sentido da arte se encontra “na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado” (Guattari, 1990, p. 54).



O uso do filme *Rio* como denúncia simbólica encontra respaldo nas definições de arte ambiental de Iberdrola (2025), que destaca o papel da arte em gerar questionamento sobre as consequências das atividades humanas. Essa modalidade não se limita à representação da natureza, mas a converte na própria obra, suscitando análise aprofundada sobre os danos causados pelo homem ao planeta. A história de Blu, o último macho de ararinha-azul, estimula consideração crítica sobre as repercussões da intervenção humana nos ecossistemas, celebrando, ao mesmo tempo, a beleza da natureza. Contudo, como aponta Gonçalves et al. (2018), a falta de um aprofundamento sobre as causas estruturais do tráfico de animais limita o impacto do filme na conscientização pública.

1.2 Arte ativista e arte ecológica

O filme se conecta com o conceito de ecoarte, uma corrente artística que utiliza a natureza como matéria-prima e que se alinha com a crítica ao modelo de desenvolvimento capitalista, como sugerido por Kagan (2014). A ecoarte, de acordo com Wallen (2012), procura promover a análise sobre as práticas destrutivas do ser humano para com o ambiente, ao mesmo tempo em que oferece propostas de reabilitação e sustentabilidade. Para Wallen (2012) a arte ecológica desempenha papel essencial ao questionar práticas destrutivas e sugerir alternativas sustentáveis, constituindo-se como uma plataforma para a transformação social e ambiental. Portanto, a arte, ao representar e denunciar a realidade configura-se como um instrumento potente de mudança da sociedade. A denúncia no filme *Rio*, e em outras formas de arte ambiental, não é somente uma crítica visual, mas pode ser também entendido como um convite à reflexão ética sobre as ações humanas e suas repercussões no mundo natural. Como defendido por Vargas (2024), é determinante que a arte atue como agente de mudança, questionando as estruturas que sustentam a exploração e a destruição do meio ambiente, enquanto promove uma maior consciência coletiva sobre a necessidade urgente de preservação e respeito pelos seres vivos e pelo planeta. Vargas (2024) conclui que "O ativismo ambiental, através da arte, estimula um processo de educação, gera reflexões e uma experiência de vulnerabilidade diante da emergência climática" (Rodriguez-Labajos, 2022 apud Vargas, 2024, p. 1).

2. A Arte Contemporânea e a Denúncia Ambiental

A arte contemporânea tem se afirmado como linguagem crítica capaz de sensibilizar o público e denunciar os impactos socioambientais. O filme *Rio* (2011),



de Carlos Saldanha, exemplifica essa potência ao tratar do tráfico de ararinhas-azuis, contrapondo a estética lúdica à violência do mercado ilegal (ver Figura 2).

Figura 2 – Paleta de cores e musicalidade: o lúdico em tensão com a denúncia ambiental



Fonte: *Rio*. Direção: Carlos Saldanha. EUA: 20th Century Fox, 2011

Dessa forma, a imagem inserida na indústria cultural pode abrir fissuras de consciência crítica. Autores como Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que os produtos midiáticos operam como mecanismos de mistificação em massa o que limita o potencial emancipatório da arte.

2.1 Práticas e linguagens da queixa ambiental

As práticas de denúncia ambiental diversificaram-se, abrangendo cinema, quadrinhos, performances e instalações. Segundo Vargas (2024), “A arte ativista não se configura como um favor prestado pelo artista ou pela arte à política e representa, sim, uma dimensão intrínseca composta pela tensão permanente entre arte e política” (Vargas, 2024, p. 7). O filme *Rio* ilustra esse potencial ao problematizar, de modo lúdico, a exploração ilegal da fauna.

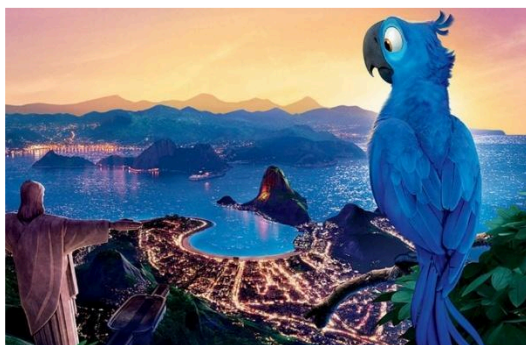
Para Guattari (1990), é importante realizar uma análise crítica das práticas sociais, políticas e ambientais que sustentam a exploração dos recursos naturais quando se trata de arte ecológica. Essa perspectiva é similar ao pensamento de Wallen (2012), que compreende a arte ecológica como um convite à intervenção sustentável. Já Silva (2019) demonstra como as tirinhas, instigam “a reflexão das pessoas acerca dos maus-tratos que os animais sofrem por parte do ser humano” (Silva, 2019, p. 8), estratégia também presente no filme *Rio*, que combina humor e estética infantil com uma denúncia crítica.



2.2 Conexões entre arte, cultura e meio ambiente

Arte, cultura e meio ambiente se entrelaçam na contemporaneidade, permitindo que manifestações artísticas questionem valores sociais. Guattari (1990) defende que a ecoarte não é apenas uma forma de expressão, mas um modo de pensar e agir que questiona as relações de poder. Nesse sentido, o filme *Rio* resgata elementos da cultura brasileira para construir uma narrativa que sensibiliza sobre biodiversidade (ver Figura 3).

Figura 3 – Cidade-paisagem e cultura popular como palco da denúncia socioambiental



Fonte: *Rio*. Direção: Carlos Saldanha. EUA: 20th Century Fox, 2011

Silva e Santos (2015) observam que o filme representa uma versão idealizada do Brasil, onde a beleza natural é contrastada com a violência do tráfico de animais. Esse recurso narrativo suaviza a realidade da denúncia para públicos internacionais. Costa et al. (2022) corroboram que obras como o filme *Rio* podem ser exploradas em sala de aula, desde que alinhadas às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997), os quais preveem a sustentabilidade como eixo transversal da educação.

Por fim, surgem debates éticos acerca do uso de animais em exposições e performances. Silva (2019) alerta que “precisa existir também um limite para o uso de animais em obras de arte, impedindo que sejam explorados, colocados em situações que geram mal-estar ou danos físicos” (Silva, 2019, p. 25). Essa crítica também se reflete também no filme *Rio*, que, ao denunciar o tráfico de forma lúdica, questiona intervenções humanas prejudiciais ao meio ambiente e convoca o público à reflexão.



3. A Perspectiva Educativa da Arte em Denúncias Socioambientais

A Arte contemporânea tornou-se recurso central na educação socioambiental, ao promover conscientização e engajamento em temas como tráfico de animais, desmatamento e uso indiscriminado de recursos naturais. O filme *Rio* (2011), de Carlos Saldanha, exemplifica essa função ao utilizar a animação para sensibilizar sobre a importância da biodiversidade e a urgência da preservação das espécies.

3.1 A Arte como ferramenta pedagógica na conscientização ambiental

A arte possui forte potencialidade educativa, pois combina emoção e análise crítica. Para Iberdrola (2025), a arte ambiental vai além de uma simples representação da natureza; ela cria um espaço para questionamento sobre os impactos das ações humanas no planeta. Essa dimensão é visível em *Rio*, que transforma uma narrativa lúdica em convite à reflexão sobre tráfico de fauna.

O potencial pedagógico do cinema também é ressaltado por Morán (1995), que aponta o uso do vídeo como recurso capaz de atuar na sensibilização, ilustração e aprofundamento crítico em processos educativos, desde que não seja usado de forma superficial. Essa visão dialoga com Silva e Gomes (2023), ao destacarem a forma como a cultura pop e a animação podem favorecer a aprendizagem de conteúdos diversos de modo atrativo no ensino básico. Além disso, Akhras (2010) ressalta que é possível “possibilitar que o uso do cinema no aprendizado possa ser baseado em um conjunto de princípios que integrem elementos de teorias de aprendizado e de teoria cinematográfica” (Akhras, 2010, p. 109). Conforme Vargas (2024), a arte ativista, por meio de suas representações visuais possui o poder de mobilizar e educar, função que também é manifesta no filme *Rio*. Entretanto, como assinalam Costa et al. (2022), para que obras cinematográficas alcancem seu potencial pedagógico, é preciso vinculá-los a atividades que dialoguem com as diretrizes curriculares, evitando que se limitem a meros recursos de entretenimento.

3.2 O Poder da Arte na formação de cidadãos conscientes e engajados

A arte contribui para a formação de cidadãos críticos e ambientalmente responsáveis. Guattari (1990) argumenta que a arte ecológica, ao integrar as



dimensões social, ambiental e mental, leva à formação de uma nova subjetividade ecológica. No filme *Rio*, a trajetória de Blu simboliza essa passagem da alienação para a liberdade, estimulando reflexões sobre resistência e preservação.

Para Wallen (2012), a arte ecológica oferece uma plataforma para o exame crítico e a ação, convidando o público a repensar os comportamentos que sustentam a exploração. A autora enfatiza que a ecoarte "inspira cuidado e respeito pelo mundo em que vivemos, estimula o diálogo, desperta a imaginação e contribui para as transformações socioculturais" (Wallen, 2012, p. 235). Nessa mesma direção, Vargas (2024) observa que a arte, ao questionar normas e mobilizar o público, atua como agente de mudança, afirmando que "a arte gera dissidência, questionamento e emancipação, independentemente de sua natureza política explícita" (Rancière, 2007, apud Vargas, 2024, p. 7).

Essa perspectiva está em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e a Base Nacional Comum Curricular (2017), que reforçam a sustentabilidade e a educação ambiental como competências fundamentais a serem desenvolvidas na educação. Como apontam Costa et al. (2022), o filme *Rio* pode ser usado em sala de aula como estratégia para aproximar teoria e prática, favorecendo a formação cidadã. Nesse sentido, a articulação entre arte, crítica cultural e políticas educacionais confirma o cinema como um espaço de emancipação ou, também, de mistificação, mesmo dentro da lógica da indústria cultural (Adorno; Horkheimer, 1985).

A educação ambiental, conforme discutido por Guattari (1990), deve estar presente em todas as esferas da vida social e cultural, sendo incorporada nas manifestações artísticas que promovam um questionamento ético sobre as práticas humanas e suas consequências no meio ambiente. O filme *Rio* é um exemplo de como a arte contemporânea pode ser utilizada para integrar a educação ambiental de forma lúdica e acessível, criando um espaço para que os indivíduos avaliem criticamente sobre suas ações e tomem atitudes transformadoras em relação à natureza.

4. Arte como Denúncia: Práticas Simbólicas e Narrativas

A arte contemporânea, ao representar o tráfico de animais, funciona como prática simbólica de denúncia, visibilizando injustiças ambientais e convocando à reflexão sobre as dinâmicas sociais que sustentam esse comércio ilegal. Diferentes formas artísticas, como cinema, instalação, ilustração e quadrinhos, têm se mostrado eficientes na sensibilização e mobilização social pela defesa da fauna ameaçada. O



filme *Rio* (2011), dirigido por Carlos Saldanha, constitui um exemplo contundente de como a narrativa artística pode denunciar o tráfico de animais, evidenciando as contradições entre a exuberância da fauna brasileira e a violência do comércio ilegal.

4.1 Práticas simbólicas de denúncia na arte contemporânea

O uso de símbolos na arte contemporânea para denunciar o tráfico de animais tem sido crescente. *Rio* utiliza a arara-azul, espécie ameaçada de extinção, para representar a vulnerabilidade das espécies e as dinâmicas de exploração. Vargas (2024) observa que a arte ativista utiliza símbolos para comunicar de forma direta as injustiças sociais e ambientais, ressaltando que "notam-se práticas artísticas que promovem denúncias e/ou informam os seus públicos sobre problemáticas ambientais" (Vargas, 2024, p. 2). Nesse contexto, a arara-azul se estabelece como símbolo da luta pela preservação e da denúncia dos impactos do tráfico de fauna. Segundo Iberdrola (2025), "a arte ambiental contemporânea denuncia através da fotografia, da pintura, da dança e da escultura, entre outras vertentes" (Iberdrola, 2025, p. 3). O filme faz uso de imagens poderosas para simbolizar a urgência da proteção das espécies brasileiras. As práticas simbólicas também envolvem narrativas visuais que exploram as dinâmicas de exploração e violência, como destaca Wallen (2012). Ela argumenta que a arte ecológica e ativista se utiliza de narrativas visuais para expor as violações contra os animais e os ecossistemas. A autora também afirma que artistas ecológicos "inspiram, defendem e inovam, revelando e/ou aprimorando relações ecológicas" (Wallen, 2012, p. 234).

4.2 Narrativas artísticas no cinema e nos quadrinhos sobre o tráfico de animais

O cinema e os quadrinhos têm sido válidos na denúncia do tráfico de animais e na sensibilização do público. *Rio* usa a narrativa cinematográfica para retratar o tráfico de ararinhas-azuis e o impacto sobre a biodiversidade. Observa-se que o filme explora de forma simbólica a luta de Blu para recuperar sua liberdade e preservar sua espécie (Silva; Santos, 2015).

Além do cinema, os quadrinhos e as tirinhas têm se constituído como importantes ferramentas na denúncia do tráfico de animais. Silva (2019, p.40) destaca que utiliza a "linguagem das tirinhas, pois consigo fazer uma crítica, com o suporte da ironia e ainda mostrar as diversas situações vividas por animais e o sofrimento causado a



eles, pelos caprichos humanos”. Essa abordagem atinge especialmente o público jovem, facilitando a compreensão crítica do tráfico de animais.

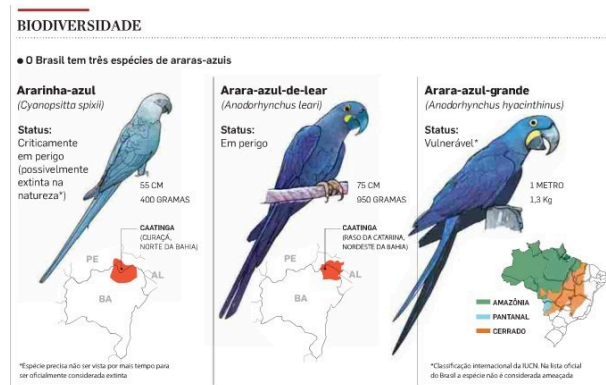
A narrativa visual tem o poder da mobilização social, incentivando os espectadores a analisarem sobre sua participação no consumo que alimenta o tráfico. Vargas (2024) observa que a arte, ao contar histórias sobre o tráfico de animais, cria um espaço para reflexão e ação, promovendo um engajamento mais consciente com as questões ambientais. Tanto o filme *Rio* quanto as tirinhas de Silva (2019) possuem o potencial não apenas de informar sobre o tráfico de animais, mas também de mobilizar o público e instigá-lo a adotar atitudes mais conscientes em relação à preservação ambiental e aos direitos dos animais.

Resultados e Discussão

O filme *Rio* (2011), dirigido por Carlos Saldanha, utiliza a estética vibrante e o colorido da animação para criar um contraste simbólico entre a beleza da fauna brasileira e a violência do tráfico de animais. A captura de Blu ainda filhote, sua domesticação e posterior trajetória em busca da liberdade refletem, de forma lúdica, o percurso de espécies ameaçadas de extinção. Essa estratégia confirma o que Vargas (2024) aponta sobre a arte ativista: ela não se limita apenas à crítica visual, mas busca criar uma consciência crítica que leve a uma ação transformadora. Assim, mesmo inserido na lógica da indústria cultural, o filme produz fissuras de reflexão crítica; no entanto, Adorno e Horkheimer (1985) expõem as ausências das tensões entre entretenimento e denúncia social.

A arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*) apresenta cerca de 6.000 indivíduos na natureza, enquanto a ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii*), endêmica da Caatinga de Curaçá (BA), encontra-se extinta na natureza e sobrevive apenas em programas de reprodução em cativeiro, com aproximadamente 334 indivíduos (ICMBio, 2024). Apesar de sua projeção internacional, inspirando o personagem Blu na animação *Rio*, a espécie permanece classificada como “Extinta na Natureza” pela IUCN e o status de Criticamente em Perigo (CR) na Lista Oficial de Espécies Ameaçadas de Extinção do Brasil, categorização estabelecida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), reforça a urgência de medidas de conservação. A Figura 4, a seguir, ilustra a distribuição geográfica e o habitat preferencial das espécies de araras-azuis abordadas neste estudo.

Figura 4 - Distribuição e habitat das araras-azuis



Fonte: Site¹. Vida no Zoo: Três espécies de araras-azuis.

Ao retratar a exploração de ararinhas-azuis e simbolizar a fragilidade da biodiversidade brasileira, *Rio* reforça o potencial da arte enquanto dispositivo de sensibilização socioambiental. Cenas como o aprisionamento coletivo das aves em gaiolas funcionam como metáforas visuais da violência contra a fauna, despertando empatia e indignação no público. Para Iberdrola (2025, p. 2), “a arte ambiental nos leva a refletir sobre as consequências de nossos atos sobre o planeta”, dimensão visível na narrativa fílmica.

Além disso, o uso do humor e da leveza, aliado à estética lúdica, permitem que o tema do tráfico de animais seja acessível também a crianças, sem perder sua força crítica. Esse processo dialoga com Morán (1995), ao indicar que o cinema, quando planejado pedagogicamente, atua como recurso de sensibilização e aprofundamento crítico.

A análise do filme revela como o filme *Rio* se aproxima dos conceitos de arte ativista e arte ecológica. Guattari (1990) defende que a ecoarte deve articular as dimensões mental, social e ambiental, promovendo uma “subjetividade com sua exterioridade” (Guattari, 1990, p. 7). Nesse sentido, a arara-azul simboliza tanto vulnerabilidade quanto resistência, ampliando o alcance da mensagem conservacionista. Wallen (2012) complementa que a arte ecológica deve propor alternativas sustentáveis, e ainda que o filme não aprofunde as causas estruturais do tráfico (Gonçalves et al., 2018), ele convoca um questionamento sobre preservação e responsabilidade ambiental.

¹Site. Vida no Zoo: Conheça as Araras-azuis do Brasil - Disponível em: <https://x.com/VidaNoZoo/status/1234866970228674560>



Portanto, no campo educacional, a obra mostra consonância com os documentos base da educação como os PCN (1997) e a BNCC (2017), que destacam a sustentabilidade como eixo transversal da formação cidadã. Estudos como os de Costa et al. (2022) e Silva e Gomes (2023) reforçam que a cultura pop, quando utilizada criticamente em sala de aula, pode favorecer a aprendizagem significativa e, conseqüentemente, a formação de cidadãos ambientalmente conscientes. Assim, o filme *Rio* se apresenta, não apenas como produto artístico de entretenimento, mas como recurso pedagógico que integra arte, educação e ecologia.

Considerações Finais

A análise do filme *Rio* (2011) revelou que a obra cinematográfica não só funciona como um produto de entretenimento, mas como uma poderosa ferramenta de denúncia socioambiental. Ao abordar o tráfico de ararinhas-azuis e simbolizar a vulnerabilidade da fauna brasileira, *Rio* utiliza sua estética vibrante e elementos lúdicos para gerar reflexão crítica sobre a exploração ilegal de animais. A narrativa, que acompanha a trajetória de Blu, expõe as contradições entre o encanto da biodiversidade e a brutalidade do comércio ilegal de espécies, refletindo uma estratégia efetiva de sensibilização do público.

Este estudo contribui para os campos da Arte, da Educação e da Ecologia, ao demonstrar como o filme *Rio* pode ser analisado como uma manifestação de arte ativista e arte ecológica. No campo da Arte, o filme usa a estética e as imagens animadas para denunciar práticas predatórias e promover uma reflexão ética. Na educação, a obra oferece uma oportunidade de engajamento com temas de preservação ambiental, sendo um recurso ativo em ambientes pedagógicos. No campo ecológico, a análise destaca o poder da Arte como uma forma de mobilização social, desafiando valores dominantes e promovendo uma subjetividade ecológica que sensibiliza os públicos para as questões da biodiversidade e do tráfico de animais.

Embora *Rio* seja uma obra impactante, a pesquisa aponta que o filme poderia ir além, na análise das condições sociais e políticas estruturais que sustentam o tráfico de animais. Uma futura linha de pesquisa poderia investigar como a interseção entre cinema e ecologia pode ser aprofundada, explorando filmes que abordam outras questões ambientais, como o desmatamento e a poluição. Também seria interessante analisar a eficácia pedagógica de filmes como *Rio* em



diversos contextos educativos, com foco em sua capacidade de formar cidadãos críticos e engajados na preservação ambiental. Além disso, outros estudos poderiam explorar a recepção da obra pelo público infantil e sua influência na formação de atitudes em relação ao consumo e à preservação da fauna.



References

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AKHRAS, Fábio Nauras. Uma perspectiva teórica para o documentário como cinema de aprendizado. *Doc On-line*, Covilhã, n. 9, p. 108 -124, dez. 2010. Disponível em: https://www.doc.ubi.pt/09/artigos_fabio.pdf. Acesso em: 14 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COSTA, Lucas Carneiro et al. Guia do educador para o filme "Rio". *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 45, dez. 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/45/guia-do-educador-para-o-film-e-rio>. Acesso em: 18 ago. 2025. ISSN: 1984-6290.

GONÇALVES, Laise Vieira et al. Educação ambiental crítica e cinema: uma discussão a partir do filme Rio. *Galoá Proceedings*, 2018. Disponível em: <https://www.galoa.com>. Acesso em: 1 ago. 2025.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução de Maria C. F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

IBERDROLA. *Arte ambiental: o que é, características e artistas*. 2025. Disponível em: <https://www.iberdrola.com/cultural/arte-ambiental>. Acesso em: 1 ago. 2025.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio). Plano de Ação Nacional para a Conservação da Ararinha-Azul. Brasília, DF: ICMBio, [20--?]. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/pan/pan-ararinha-azul>. Acesso em: 5 set. 2025.

KAGAN, Sacha. *La pratique de l'art écologique*. Plastik: Art et biodiversité: Un art durable?, [S. l.], n. 4, 15 fev. 2014. Disponível em:



<https://plastik.univ-paris1.fr/2014/02/15/la-pratique-de-lart-ecologique/>. Acesso em: 15 ago. 2025. ISSN 2101-0323.

MORÁN, José. O vídeo na sala de aula. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 2, p. 27-35, 1995.

RIO. Direção de Carlos Saldanha. Los Angeles, EUA: 20th Century Fox, 2011.

SILVA, Paulo Celso da; SANTOS, Roger dos. Leituras do Filme *Rio* sob a perspectiva teórica de Fábio Nauras Akhas. *Revista de Estudos Universitários - REU*, Sorocaba, SP, v. 41, n. 1, p. 95 – 110, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/2200>. Acesso em: 17 ago. 2025.

SILVA, Gleyton de Moura Ferreira; GOMES, Edilene Batista. Cultura pop e práticas pedagógicas: uma reflexão para a Educação Básica. *Revista Docência e Cibercultura*, v. 7, n. 1, p. 01-14, 2023. DOI: 10.12957/redoc.2023.64320. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/64320>. Acesso em: 17 ago. 2025.

SILVA, Jéssica Figueira. *Satirinhas: relatando maus-tratos aos animais em tirinhas*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2019.

VARGAS, Tatiana Lopes. Arte ativista e arte ecológica: uma discussão sobre a relação entre cultura, ambiente e sociedade, abordagens artísticas e contextos de produção cultural. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, v. 11, n. 1, 2024. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt>. Acesso em: 1 ago. 2025.

WALLEN, R. Ecological art: A call for visionary intervention in a time of crisis. *Leonardo*, 45(3), 234–242, 2012. https://doi.org/10.1162/LEON_a_00365.



About the Authors

Ana Clara Solon Rufino is a Ph.D. candidate in the Pos-Graduate Program in Communication, Languages, and Culture at the University of the Amazonia (UNAMA); She has a Master's degree in Communication, Languages, and Culture (PPGCLC/UNAMA) and bachelor's degrees in Visual Arts and Image Technology (UNAMA), and in Language and Pedagogy (UNINTER), with additional training in Psychopedagogy (CENSUPEG). She holds specializations in Art Education Methodology, Art and Education (UNIASSELVI), Special and Inclusive Education, Psychomotricity, Active Methodologies and Teaching Practices (CENSUPEG College), and School Administration (UNIASSELVI). She serves as a professor in the Pedagogy program at the Amazonia College (FAAM). She is a member of the research group "Poetry in Everyday Life: Resilience Experiential Groups," certified by CNPq (UNAMA).

Walquíria Marcelina de Almeida has a Master's degree in Communication, Language, and Culture from the Pos-Graduate Program in Communication, Language, and Culture (PPGCLC) at the University of the Amazonia (UNAMA) (2021). Bachelor's degree in Education from the University of the Amazonia (UNAMA). She is a specialist in School Administration from the State University of Pará (UEPA), in Hospital Education (FIBRA), and in Educational Gerontology and Mental Health (FIBRA). She has also completed a specialization in Psychopedagogy with an emphasis on Neuropsychopedagogy (2023). She serves as a research participant in the CNPq Directory, participating in the Experiential Groups at the University of the Amazonia. She publishes research focusing on teacher training, learning difficulties in children and the elderly, and promoting the integration of mental health, inclusive education, and innovative pedagogical practices.

Rosângela Araújo Darwich is a psychologist, psychotherapist, and professor in the Pos-Graduate Program in Communication, Languages, and Culture (PPGCLC) and the Psychology program at the University of the Amazonia (UNAMA). She holds a Ph.D. in Psychology: Theory and Research in Behavior (PPGTPC/UFGA) and is a specialist in Cognitive-Behavioral Therapy (CENSUPEG), with a postdoctoral fellowship at the Protestant University of Applied Sciences in Freiburg, Germany. She is the coordinator of the research group "Poetry in Everyday Life: Experiential Groups and Resilience," certified by CNPq, with field studies conducted both in person and online.